

O escritor e

o furão 2184

Silêncio a seguir: uma espôsa que faz malha, um engenheiro anfitrião que bebe, rolando o copo nos dedos. Situação pouco agradável para um visitante, se não fôsse o «whisky» velho que o acompanha e a não menos velha curiosidade que nunca abandona o contador de histórias, esteja onde estiver. Colecionador de casos, furão incorrigível ator que escolhe o segundo plano, convencido de que controla a cena, deixa-me rir. Rir com mágoa, porque todos os contadores de histórias, por vício ou por profissão, merecem a sua gargalhada quando julgam que controlam a cena. É quem os trama é o papel, o espaço branco que amedronta — e aí, adeus suficiência. Não há boa memória nem gramática que os salve. Aposto que Xenofonte, apesar de patrono dos escritores caçadores, foi muito melhor furão em campo aberto do que no papiro.

De José Cardoso Pires, em
 "O Delfim" — Romance —
 Editôra Civilização Brasileira S.A., página 32.